

UTOPIAS E MUNDOS IMAGINÁRIOS EM GARGÂNTUA E PANTAGRUEL, OBRA DE FRANÇOIS RABELAIS

Silvia Regina Liebel¹, Carlos Alberto Vieira Júnior²,

¹ Orientadora, Departamento de História- FAED/UDESC– liebel.seziemiste@gmail.com

² Acadêmico do Curso de História – FAED/UDESC - bolsista PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Rabelais; utopia; ideia.

O gênero literário da utopia foi e continua sendo alvo de algumas críticas por parte principalmente de filósofos materialistas, que enxergam pouca mudança real na sociedade a partir do gênero. Existiu sempre certo cuidado em estudar o gênero utópico ainda porque pouco se confia no estudo de literatura como fonte para a história. O estudo de história das ideias abre um caminho para que possam ser analisadas as ideias e suas especificidades no decorrer do tempo, contribuindo também para o estudo da história cultural e política, no caso da literatura de utopia. Estudar uma ideia de determinado autor é analisar seu contexto, referenciais teóricos e intenções, além do impacto que causam as ideias em determinadas sociedades. Utilizando-se, portanto, deste olhar para história, é fundamental uma análise de ideias como a utopia, que ousa enxergar além da realidade pura e coloca um horizonte nos anseios humanos.

Dentro deste recorte está um livro que aparentemente não ansiava em construir uma sociedade justa e igualitária como tantos outros autores ansiavam. Escrevo sobre *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais (RABELAIS. 2009. 944 PP.). Vivendo no período renascentista, caracterizado por escritos iconoclastas, Rabelais caracterizou-se por ser um humanista ácido, utilizando-se principalmente da ironia e do vocabulário “popular”. Nos cinco livros que compõem toda a obra de *Gargântua e Pantagruel*, Rabelais conta a história de gigantes, a de Gargântua no primeiro livro e de seu filho Pantagruel no restante. O autor utiliza-se, sobretudo, da técnica da inversão para descrever a sociedade destes gigantes e o mundo ao redor. Pantagruel, por exemplo, nasce da orelha de sua mãe, o que podemos chamar de “inversão corporal”. Além disso, em todos os cinco livros, as personagens encontram-se a todo o momento com mundos imaginários e utopias. Sobretudo nos livros IV e V, quando a corte de Pantagruel o acompanha em uma longa viagem pelo mundo, encontram diversas utopias, planejadas, onde as pessoas vivem bem e possuem suas formas de privilegiar o social e “manter a paz”; mas também encontram mundos imaginários, alguns pouco descritos, contendo, na maioria das vezes, crítica à sociedade francesa, europeia, à Igreja e muitos costumes da época.

Diversos outros autores também já procuraram infiltrar-se no mundo rabelaisiano, colocando perguntas diferentes e obtendo diversos tipos de respostas. Mikhail Bakhtin, por exemplo, em *A cultura popular na Idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais* (BAKHTIN. 2002. 419 PP.), Lucien Febvre com sua obra *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais* (FEBVRE. 2009. 513 PP) são os mais conhecidos, que se utilizam da vasta obra do escritor francês para responder suas perguntas sobre o renascimento, invocando um dos seus espíritos mais curiosos. Tantos outros autores utilizaram-se de Rabelais para suas obras e para responder perguntas sobre esta época e muitos artigos são ainda encontrados sobre uma das mentes mais influentes do renascimento e muitas outras ainda surgem. As perguntas que surgem então para a construção deste trabalho são: Rabelais era um utopista? Queria uma sociedade diferente ou apenas ser um crítico? O que, nos mundos imaginários rabelaisianos, podemos tirar de suas ideias e do século XVI em geral? Onde estão nelas as ideias humanistas e renascentistas?

Buscando responder a estas e outras perguntas, analisamos os “mundos” contidos nestas cinco obras rabelaisianas, procuramos compreender a sociedade daquela época, e, sobretudo como são construídas as ideias, a crítica, como novos mundos são formados no Renascimento. Neste período, característico pela volta do prestígio da filosofia platônica, além do desejo de libertação de hierarquias e instituições em declínio, como a Igreja, e outras em ascensão, como a monarquia; aliado à descoberta de novos territórios e povos; auge da ciência e da arte, onde cresce a ânsia de uma sociedade perfeita. E a literatura, no caso aqui Rabelais, toma um papel importante, cria ideias, mundos e alimenta imaginações.